

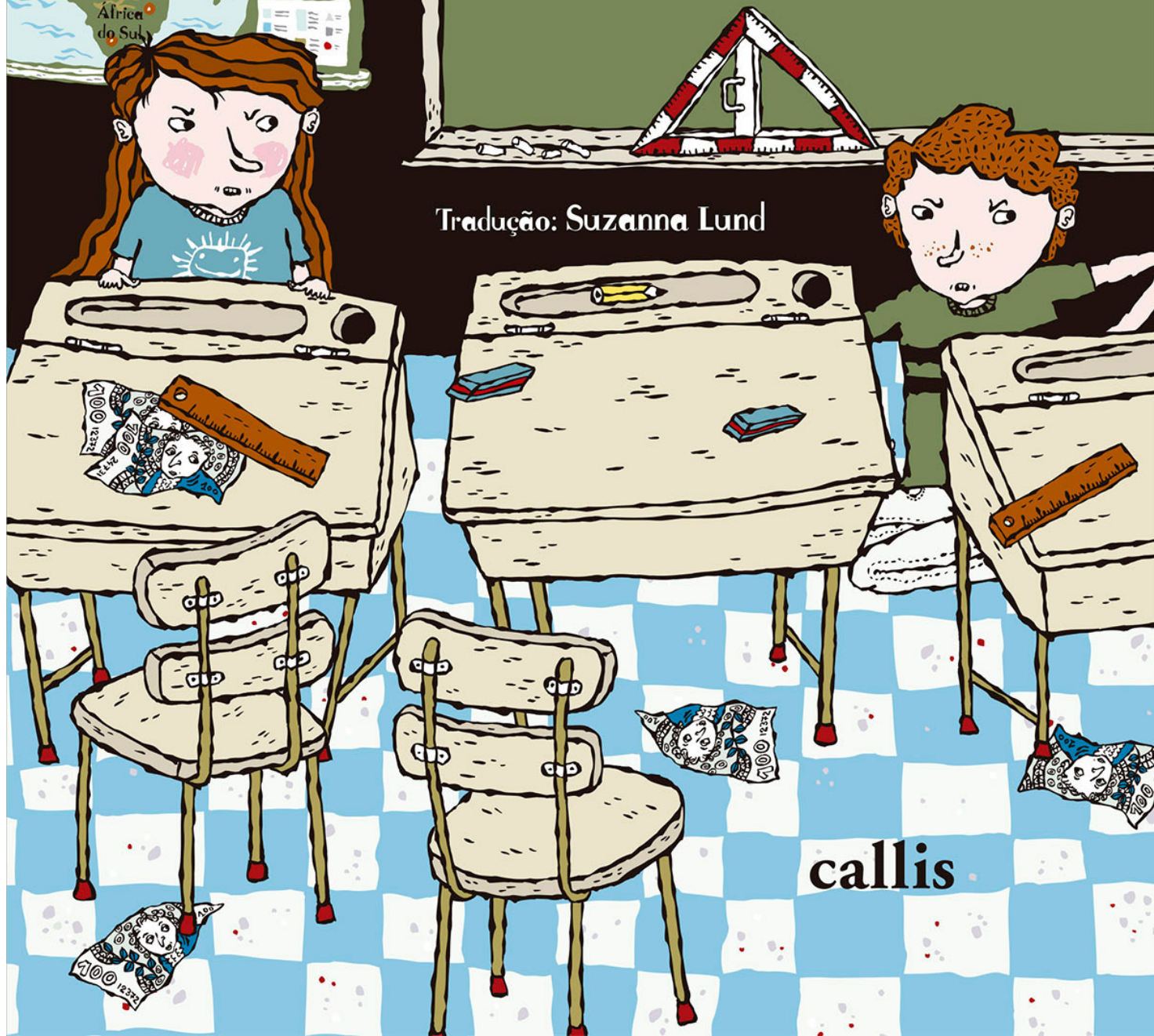
A a B b C c D d

Agência de Detetives
Marco & Maia

Martin Widmark
Helena Willis

O mistério da escola

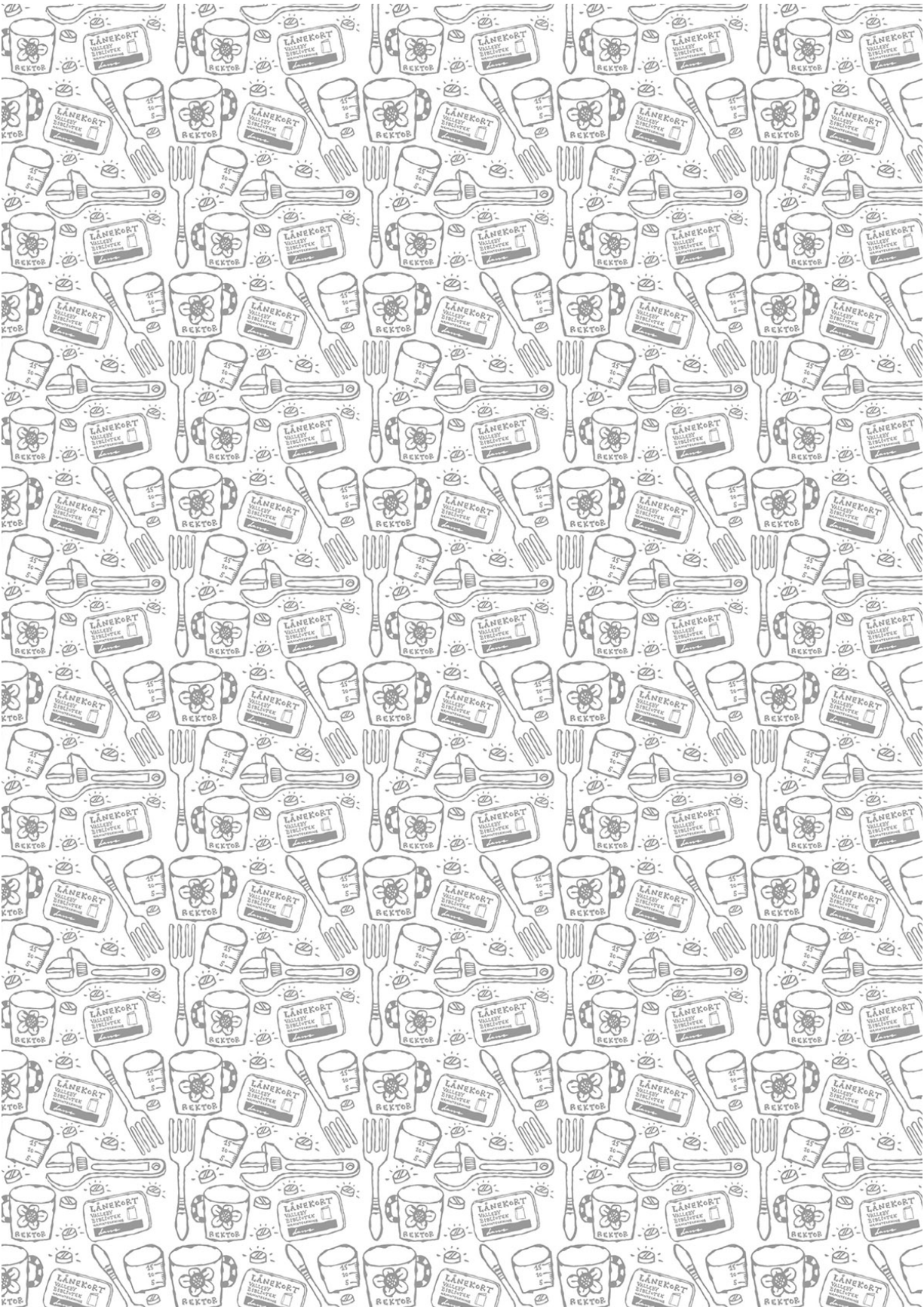
Tradução: Suzanna Lund



callis

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM







© 2006 do texto por Martin Widmark

© 2006 das ilustrações por Helena Willis

Publicado originalmente por Bonnier Carlsen Bokförlag, Estocolmo, Suécia.

Traduzido da primeira publicação em sueco intitulada *LasseMajas Detektivbyrå: Skolmysteriet*.

Direitos de edição em língua portuguesa adquiridos por Callis Editora Ltda. por meio de contrato com Bonnier Carlsen Bokförlag, Estocolmo, Suécia.

Todos os direitos reservados.

1ª edição, 2015

7ª reimpressão, 2022

TEXTO ADEQUADO ÀS REGRAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenação editorial: Miriam Gabbai

Editora assistente: Áine Menassi

Tradução: Suzanna Lund

Revisão: Ricardo N. Barreiros

Diagramação da edição brasileira: Thiago Nieri

Conversão para formato digital: *Cumbuca Studio*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

W633m

Widmark, Martin, 1961-

O mistério da escola / Martin Widmark ; ilustrações de Helena Willis ; tradução: Suzanna Lund. - 1. ed. - São Paulo : Callis Ed., 2015.

84 p. : il. ; 23 cm. (Agência de detetives Marco e Maia)

Tradução de: *LasseMajas Detektivbyrå : Skolmysteriet*

ISBN 978-65-5596-125-6 (digital)

1. Literatura infantojuvenil sueca. I. Willis, Helena, 1964-. II. Lund, Suzanna. III. Título. IV. Série.

12-8610.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

30/06/2014 07/07/2014

ISBN 978-65-5596-125-6

2022

Callis Editora Ltda.

Rua Oscar Freire, 379, 6º andar • 01426-001 • São Paulo • SP

Tel.: (11) 3068-5600 • Fax: (11) 3088-3133

www.callis.com.br • vendas@callis.com.br



O mistério da escola

Martin Widmark

ilustrações de
Helena Willis

Tradução: Suzanna Lund

callis

SUMÁRIO

MAPA DA CIDADE DE VALLEBY

PERSONAGENS

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

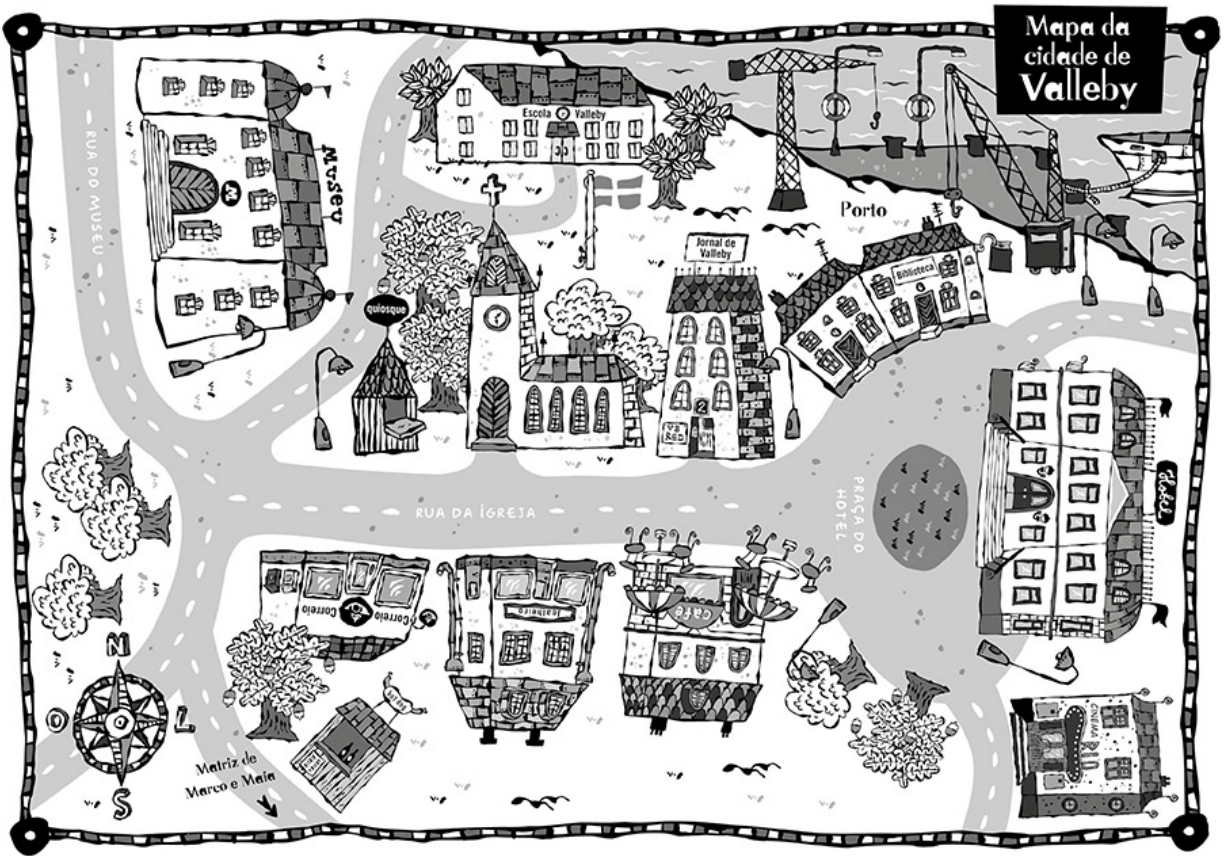
CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

PRESO FALSIFICADOR DE NOTAS





Personagens:



Marco



Maia



**O chefe de
polícia**



**O diretor
Alberto**



**A professora
Júlia**



**O zelador
Nildo**



**A enfermeira
Maria**



**O professor
substituto
Carlos**

CAPÍTULO 1

É como roubar do próprio Deus...

— **P**are! — disse Marco freando bruscamente sua bicicleta, em frente ao cinema Rio em Valleby.

— O que foi? — perguntou Maia surpresa.

Marco e Maia estavam a caminho da escola e, para variar, eles tinham pressa.

— Você sabe que a professora Júlia não gosta que cheguemos atrasados — disse Maia. — Vamos logo, Marco!

— Olhe — falou Marco apontando para uma nota de cem coroas caída na rua.

— Opa! — disse Maia. — Não é todo dia que encontramos dinheiro.

— O que vamos fazer com isso? — perguntou Marco.

— Isso mesmo — eles ouviram um homem falando, enquanto sai do cinema Rio.

Era o Zeca, o zelador do cinema. Então, ele pegou a nota e olhou para ela contra a luz do sol de primavera. Balançou a cabeça e a rasgou em vários pedaços pequenos, jogando-os em seguida para o alto.

— O que você está fazendo? — Maia perguntou. — Era uma nota de cem!

— Era falsa — ele resmungou. — Sem valor nenhum! Apenas ontem, pagaram-nos três vezes com notas falsas.

— Por que você olhou contra a luz? — perguntou Marco.

— As notas falsas não têm marca-d'água — explicou Zeca.



— Marca-d'água? — perguntou Maia.

— É um tipo de marca que existe em todas as notas verdadeiras, que aparece apenas quando olhamos contra uma luz muito forte.

— E ontem à noite, no cinema, vocês não perceberam que eram notas falsas? — perguntou Marco.

— Infelizmente não — respondeu Zeca. — Mas agora colocamos uma luz muito forte ao lado do caixa, e a senhorita Nina vai controlar todas as notas que receber.

O zelador entrou novamente no cinema Rio suspirando. Marco e Maia estavam prestes a começar a pedalar quando escutaram alguém chorando do outro lado da rua. Era Sara, que trabalhava no café. Estava sentada em uma das mesas da calçada e chorava.

Marco e Maia levaram suas bicicletas até o outro lado da rua e caminharam até Sara.

— O que houve? — perguntou Maia. — Por que você está chorando, Sara?

— Se isso não terminar logo, Lino e eu teremos que fechar o café.

— O que tem que terminar? — quis saber Marco.



— Estava fechando o caixa — explicou Sara —, quando percebi que três notas de cem eram falsas. E precisamos pagar o aluguel semana que vem!

Sara retirou algumas notas do bolso de seu avental e entregou para Maia.

Maia analisou as notas, mas não conseguia perceber que eram falsas.

— Olhe contra o sol — disse Marco.

Maia levantou uma nota contra o sol e notou que faltava a marca-d'água nessa também.

— Meu Deus do céu! — eles ouviram alguém gritar.

Sara, Marco e Maia se voltaram e viram o pastor correndo pela rua da igreja. Em suas mãos, ele trazia uma longa rede. Era a rede que usava para recolher as ofertas das pessoas que frequentavam a igreja aos domingos.

O pastor foi até a mesa onde Sara estava sentada.

— É como roubar do próprio Deus! — ele gritou. — Ontem depositaram quatrocentas coroas em notas na minha rede. Agora Ele não está feliz, sentado em sua nuvem.

Maia olhou para Marco. Ambos entenderam que a Agência de Detetives estava prestes a receber um novo caso para ser solucionado.



CAPÍTULO 2

2.000 cópias, sem ninguém saber...

Marco e Maia colocaram suas bicicletas no estacionamento, ao lado do carro vermelho esportivo do diretor. Depois, entraram na escola correndo e subiram até o segundo andar.

— Desculpe-nos por estarmos atrasados.

Mas a Sra. Júlia pareceu nem ouvir as suas desculpas. Ela olhava pela janela suspirando alto. Marco e Maia se sentaram e pegaram seus livros de matemática, pois viram que o resto da classe estava trabalhando nele.

— Calculem, crianças — disse a Sra. Júlia. — Se eu tivesse tido um pouco mais de interesse em matemática, talvez agora tudo fosse diferente.



Marco e Maia se olharam, sem entender nada. Maia perguntou o que a professora queria dizer.

— Levante a mão, pequena Maia — advertiu a Sra. Júlia.

E continuou explicando para a classe:

— Como vocês já sabem, depois do verão vou parar de trabalhar. E ontem fui me informar de quanto receberei de aposentadoria. Ai, ai, ai! Não é muita coisa, não. Esse é o agradecimento por ter trabalhado duro minha vida inteira?

A Sra. Júlia pegou um lenço para secar uma lágrima que escorreu por seu rosto. Marco, Maia e seus colegas de classe ficaram com pena da professora. Ela sempre foi tão boa e justa. Agora iria se aposentar preocupada com o dinheiro que não seria suficiente.

Nessa hora, alguém bateu muito forte na porta da sala de aula.

— Pode entrar — soluçou a Sra. Júlia.

Era o diretor Alberto que veio fazer uma visita, e com ele estava o chefe de polícia! O diretor acenou para a Sra. Júlia e ergueu a sobrancelha surpreso ao perceber que ela estivera chorando. Depois, olhou de maneira muito severa para os alunos da classe.

Ele com certeza imaginou que algum deles tivesse aprontado. A Sra. Júlia rapidamente começou a explicar que estava um pouco triste pois se pegou pensando que logo estaria aposentada. Então, o chefe de polícia foi até ela e lhe deu um abraço.

— Todos nós seguiremos esse caminho — falou ele, de maneira confortante.

— Você é muito bom, Rodolfo — disse a Sra. Júlia. — Já era assim na época da escola. Talvez não muito aplicado em todas as matérias, mas sempre muito bom com todos. Você se lembra...



— Ham-ham! — pigarreou o diretor Alberto. — O chefe de polícia quer contar algo.

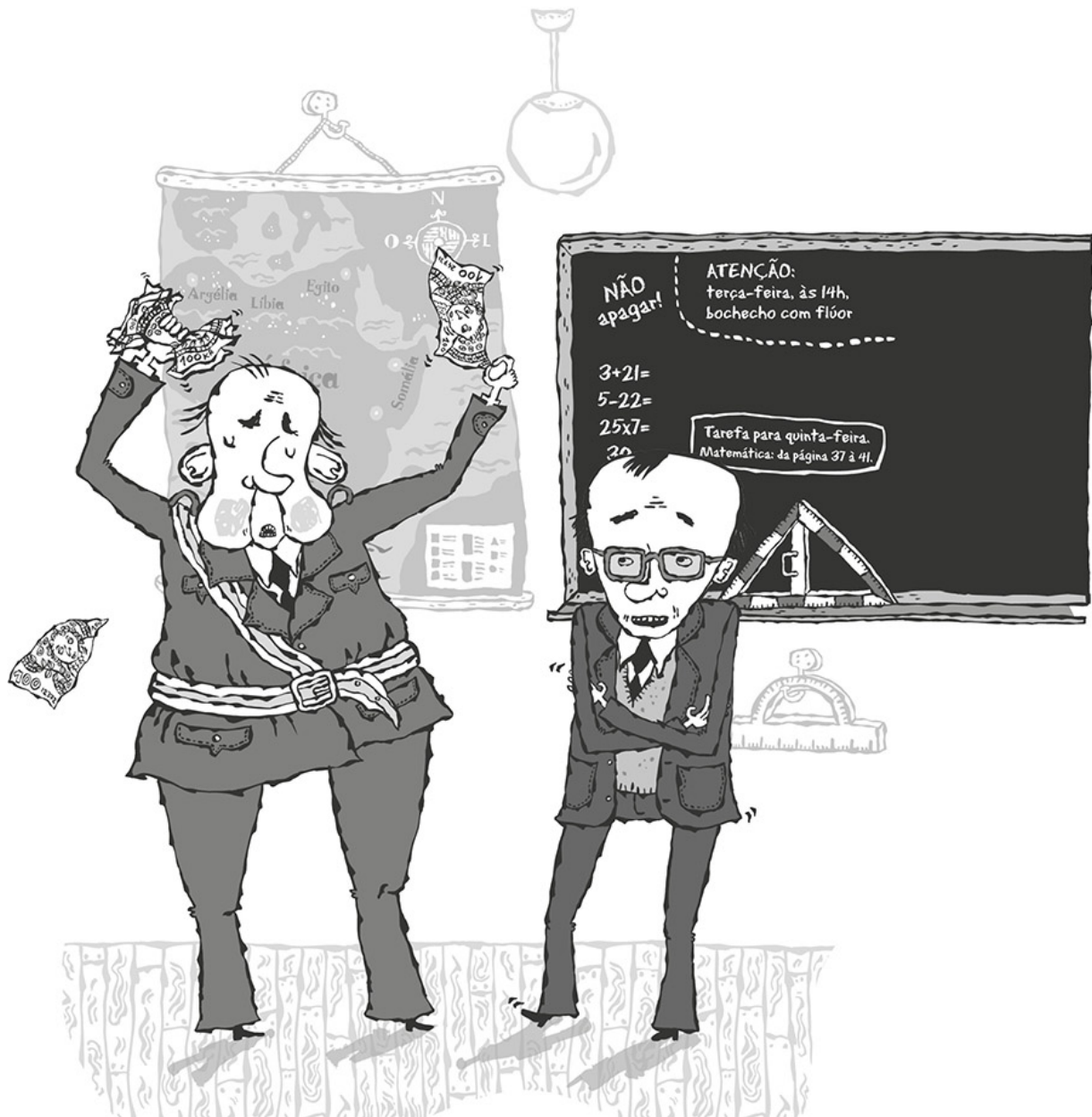
Então, o chefe de polícia se afastou da Sra. Júlia e olhou para a classe. Ele cumprimentou, em sinal de reconhecimento, Marco e Maia, que tantas vezes o ajudaram a resolver casos complicados.

— Vocês sabem, crianças... a questão é que Valleby está transbordando de notas falsas — enquanto falava, ele tirou um monte delas do bolso. — Estas notas, eu juntei agora de manhã — ele esclareceu. — São todas falsas e muito bem feitas.

Então, ele passou as notas a alguns alunos, para que toda a classe pudesse examinar as notas falsas.

— Alguém sabe como reconhecemos uma nota falsa? — ele perguntou na sequência.

- Ela não tem marca-d'água — respondeu Maia.
- Levante a mão, pequena Maia — repreendeu a Sra. Júlia.
- É isso mesmo, Maia! — falou o chefe de polícia.



E se dirigindo a todos:

— Bom, agora, eu quero que vocês me ajudem, ficando de olho nas notas falsas. Assim que virem uma, venham até mim. Entendido?

— Sim! — responderam todas as crianças em um coro.

O chefe de polícia juntou todas as notas e se preparou para sair da sala.

— Diretor Alberto — disse a Sra. Júlia —, será que eu poderia utilizar a copiadora?

— Nem pensar! — respondeu o diretor firmemente. — Você sabe muito bem, Sra. Júlia, que alguém usou a copiadora colorida escondido. Enquanto eu não descobrir quem foi, ninguém poderá tirar cópia de nada nesta escola. O contador está em 2.125 e deve permanecer assim.

O diretor quis explicar para o chefe de polícia:

— Compramos uma nova copiadora colorida para a escola. As cópias custam o dobro em relação às da máquina antiga. E alguém tirou 2.000 cópias sem ninguém saber.

— Atitude perfeita — respondeu o chefe de polícia. — Todo abuso deve ser bloqueado imediatamente.

O diretor se voltou para o chefe de polícia com olhar de aprovação.

— Também introduzi a proibição total de fumo para os funcionários da escola. E nada de chicletes, bonés, celulares, gibis, chocolates, animais de estimação, pistolas de água, lanternas... Posso lhe mostrar uma lista que fiz, caso o senhor esteja interessado.

— Não sei — respondeu o chefe de polícia. — Acho que deveria ir até as outras classes agora.

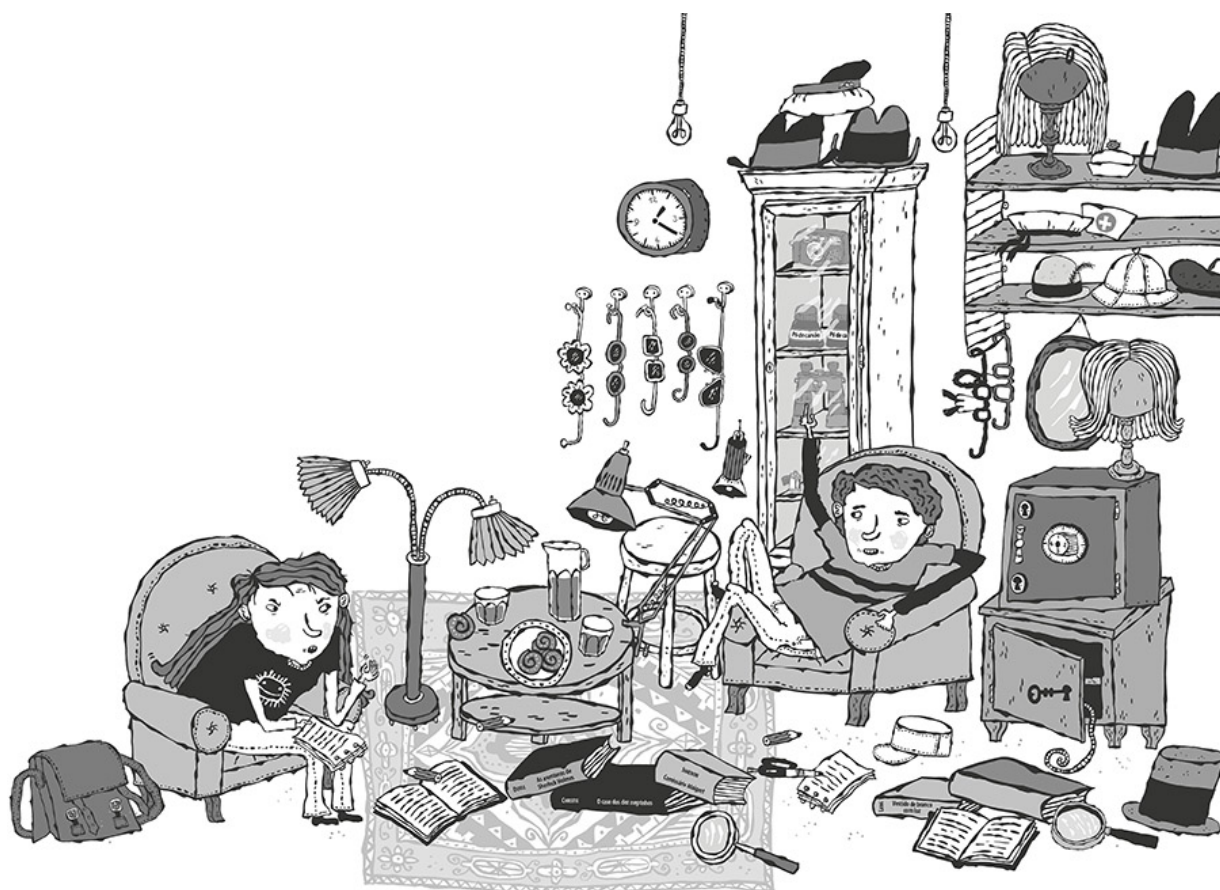
O diretor Alberto segurou a porta para o chefe de polícia passar e o acompanhou. A Sra. Júlia olhou para a porta fechada e sussurrou:

— Era melhor antigamente...

CAPÍTULO 3

Casas de veraneio e carros esportivos

Mais tarde, nesse mesmo dia, Marco e Maia estavam em seu escritório de detetives conversando. Maia serviu um copo de suco para cada um deles.



— O que será que a professora quis dizer? — perguntou Marco. — Ela falou que era melhor antigamente.

— Isso é algo que os mais velhos dizem para nos deixarem com inveja. Nós nunca vamos conseguir realmente saber como era antes de termos nascido!

— Fiquei com a impressão de que ela queria dizer algo em especial — continuou Marco. — Mas não consigo imaginar o que...

— Acho que, em vez disso, devemos tentar descobrir de onde vieram as notas falsas — disse Maia. — A cidade inteira está cheia delas. Você viu quão tristes e bravos Zeca, Sara e o pastor estavam.

— Dinheiro e dinheiro! — suspirou Marco e deu um gole em seu suco. — Parece que tudo é dinheiro. A Sra. Júlia nem pode tirar cópias para os alunos porque é muito caro. E o diretor... que escreve longas listas de tudo que é proibido?!

— Espere... — interrompeu Maia.

Ela se levantou rapidamente da poltrona e foi buscar seu caderno de anotações e uma caneta. Marco ficou observando interessado. Ele entendeu que ela descobrira algo provavelmente importante.

— O que o diretor disse quando estive na nossa sala? — perguntou Maia já sentada novamente.

— Que é proibido: chicletes, gibis, celulares... Eu não lembro de tudo.

— Mas o que mais ele falou, quando a professora perguntou se ela podia tirar cópias?

— Que ela não podia — respondeu Marco, sem entender o que aquilo tinha a ver com as notas falsas.

— E por que não? — continuou Maia.

— Porque alguém... tinha feito várias cópias... em segredo. Maia! — ele gritou. — Você é um gênio!



— Exatamente! — sorriu Maia. — Por isso que alguém tirou 2.000 cópias sem autorização. E o que você acha que essa pessoa copiou?

— Notas de cem, é lógico! Frente e verso em 1.000 notas de cem.

Então, o sorriso sumiu do rosto de Maia. Era como se tivesse pensado em algo menos agradável.

— Mas isso pode muito bem significar... — ela disse pausadamente — que, se as notas foram falsificadas na nossa escola, provavelmente alguém que trabalha lá está envolvido!

— Por que você acha isso? — perguntou Marco.



— Pense bem. Tirar essa quantidade toda de cópias, demora bastante tempo. O risco de alguém aparecer enquanto a pessoa está em ação é muito grande. Com certeza as notas foram feitas quando a escola estava fechada, provavelmente à noite!

— E apenas os funcionários têm a chave da escola — completou Marco.



— Ok — disse Maia e anotou algo em seu bloco. — Vamos resumir. O que sabemos?

— Que tem um monte de notas falsas em Valleby — disse Marco —, que possivelmente foram feitas na nossa escola, durante a noite, por alguém que trabalha lá.

— O que sabemos sobre os funcionários da escola? — disse Maia enquanto virava a página do seu bloco. — Tem alguém precisando encher os bolsos com um pouco de notas falsas.

Marco se inclinou e começou a procurar algo em sua mochila. Então encontrou o que buscava. O álbum da escola. Ele o abriu na página de funcionários.

— Na nossa escola trabalham cinco pessoas — ele disse enquanto apontava para a primeira foto.



1 – O diretor Alberto, que está na escola há muitos anos e é um amigo da ordem. Ele se divorciou no ano passado. Há pouco tempo,

comprou um carro esportivo e parece querer viver a boa vida.

— Mas ele não aparenta estar muito feliz com isso — disse Maia. — Está sempre ranzinza, bravo e escrevendo listas sobre tudo que é proibido.

Marco continuou:



2 – A Sra. Júlia é quem trabalha há mais tempo na escola. Até teve o chefe de polícia como aluno. Ela, com certeza, precisa do dinheiro. Ouvimos hoje o quão preocupada está com a aposentadoria.

— Mas será mesmo possível? — disse Maia enquanto coçava atrás da orelha com a caneta.

— Que ela tenha sido professora do chefe de polícia? Sim, acho que sim.

Eles retomaram a lista:

3 – O professor substituto do segundo ano se chama Carlos. Que ele precisa de dinheiro não é nenhuma novidade. Está economizando para fazer sua viagem de volta ao mundo. Ele tem a chave da escola e acesso à impressora.

— Carlos? — repetiu Maia duvidando. — Ele é tão legal e bonito!

— Preste atenção, Maia! Pode muito bem ser o Carlos, e você sabe disso — disse Marco bravo.

E continuou:

4 – A enfermeira Maria. Não sei muito sobre ela.





— Dela, é melhor manter distância, o máximo possível! — interrompeu Maia sorrindo. — Só vamos até ela se precisamos tomar alguma injeção ou se nos machucamos.

— E o número 5 —
concluiu Marco — é o
Nildo, o novo zelador.

Ele era diretor de circo. Está sempre feliz e é muito bom com os alunos. Ele me contou que está construindo uma nova casa de verão, e material de construção é caro. Pode muito bem ser ele.



— Mas como vamos descobrir quem é o culpado? — perguntou Maia.

Marco terminou seu suco e ficou olhando o copo vazio.

“Qual dessas cinco pessoas poderia ser o falsificador?”, pensou.



Ficou girando o copo em sua mão, observando as pequenas marcas que seus dedos deixaram no vidro.

— Impressão digital... — ele murmurou para si mesmo.

Mas então percebeu algo.

— Impressão digital, Maia! O falsificador com certeza deixou várias impressões digitais na copiadora — disse Marco.



— Muito bem, Marco! — comemorou Maia. — O diretor Alberto proibiu todo mundo de usar a copiadora depois das 2.000 cópias tiradas. Então, as últimas impressões no equipamento devem ser do falsificador! Bem pensado, Marco!

CAPÍTULO 4

Cinco sacolas plásticas cheias

No dia seguinte, Marco e Maia levaram uma bolsa extra para a escola.

Eles haviam ficado por horas, na noite anterior, arquitetando o plano. Nessa bolsa tinha até o material necessário para coletar a impressão digital dos funcionários.



Pincéis com pontas longas e macias, um pote com pó preto, câmera digital, uma lupa e cinco sacolas plásticas para colocar os objetos. Ou seja, um objeto e uma sacola para cada um dos suspeitos.

— Dê-me uma sacola plástica — disse Maia. — Vou começar com a enfermeira Maria. Avise a professora que chegarei em alguns minutos.

Marco entregou uma sacola para Maia e desapareceu pelas escadas. Em seguida, Maia bateu na porta da sala da enfermeira da escola. A porta se abriu e o professor substituto, Carlos, saiu da sala!

— Ah... Acho que estou com um pouco de febre — ele se explicou para Maia.

— Pode entrar — ela ouviu a enfermeira Maria chamar de dentro de sua sala.

Maia a cumprimentou e contou que estava com um pouco de dor de cabeça.

A enfermeira se aproximou de Maia. Ela colocou sua mão na testa da garota.

— Aparentemente não está com febre — comunicou ela. — Será que precisa de um analgésico?

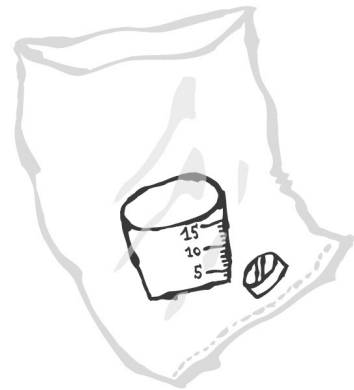
— Acho que sim, obrigada — falou Maia, talvez um pouco animada demais.

Para disfarçar, emendou:

— Acredito que irá ajudar — ela disse e colocou a parte de trás da mão em sua testa, gemendo.



A enfermeira Maria abriu um armário de vidro onde estavam os remédios e curativos. Ela pôs um analgésico em um pequeno copo de plástico. Maia pegou o copo de sua mão estendida, evitando muito contato de seus dedos. Então, a jovem agradeceu e saiu com o copinho na mão. A enfermeira ficou olhando sem entender nada. Do lado de fora do ambulatório, Maia pegou o saco plástico e depositou o copinho com cuidado dentro dele.



Logo, Maia já estava sentada ao lado de Marco, em seu lugar, na sala de aula. Ele então pegou seu cartão da biblioteca e o lustrou

bastante com um lenço de papel. Depois, colocou-o dentro do livro de matemática e foi até a professora.

— Não entendi direito o exercício sete — ele disse, abrindo seu livro de modo que o cartão caísse na mesa, bem na frente da Sra. Júlia.

— Opa! Acho que isso é seu — falou a professora gentilmente, colocando o cartão de volta, dentro do livro de Marco.

— Obrigado — exclamou Marco. — Às vezes uso meu cartão como marcador de livro.

Marco fechou o livro novamente e voltou ao seu lugar.

— Você não precisava de ajuda? — perguntou a Sra. Júlia.

— Obrigado, mas já consegui chegar ao resultado — disse Marco enquanto, por debaixo da mesa, colocava o cartão em uma sacola de plástico vazia.

Maia deu uma piscadinha para Marco. Tudo estava indo de acordo com o planejado.

Fizeram alguns cálculos em seu livro de matemática e depois a Sra. Júlia se sentou ao piano.

— Vamos cantar uma música de primavera antes do almoço — ela disse. — O que acham de “Alla fâglar pã sin pinne” (Cada pássaro no seu galho)?

Após terminarem a música, Marco e Maia correram para a fila do refeitório. Maia pegou sua bandeja e ficou olhando para as mesas. Lá estava ele. Maia se acomodou ao lado do professor substituto Carlos, que olhou para ela um pouco espantado.

— Oi! — ela o cumprimentou com seu sorriso brilhante. — Está melhor? Quando você parte para sua viagem de volta ao mundo? —

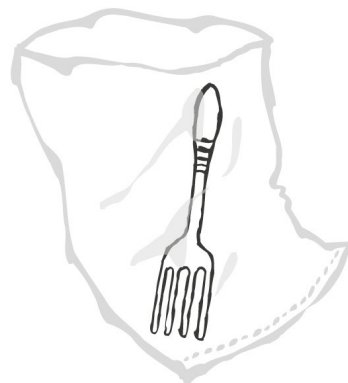


ela perguntou.

Então, Carlos contou sobre todos os lugares que iria visitar e todas as passagens que já havia reservado. Maia escutava, concordando com a cabeça. Carlos já estava falando há um bom tempo e terminara de comer, quando Maia o interrompeu:

— Eu posso levar sua bandeja.

Ela pegou uma bandeja em cada mão e foi em direção à cozinha. Primeiro, ela devolveu sua própria bandeja e, em seguida, retirou uma sacola de plástico do bolso. Rapidamente, ela enfiou a mão dentro da sacola, como se fosse uma luva, e pegou o garfo de Carlos. Depois disso, virou a sacola de dentro para fora e a guardou, de forma que a impressão digital da terceira pessoa estivesse em segurança.



Já no corredor, ela se aproximou de Marco, que estava conversando com Nildo, o zelador.

— É claro, não tem problema — disse Nildo —, mas você precisa me prometer que vai devolver assim que terminar. Eu costumo usar com muita frequência.

Então, ele retirou uma chave inglesa de um de seus enormes bolsos e a colocou na sacola de plástico que Marco estava segurando.

— Não quero sujar os meus dedos — comentou Marco sorrindo.



O zelador riu, passou a mão no cabelo de Marco, e disse que, se fosse realmente arrumar sua bicicleta, tinha de estar preparado para sujar seus dedos de óleo.

— Essa é a número quatro — cochichou Marco para Maia.

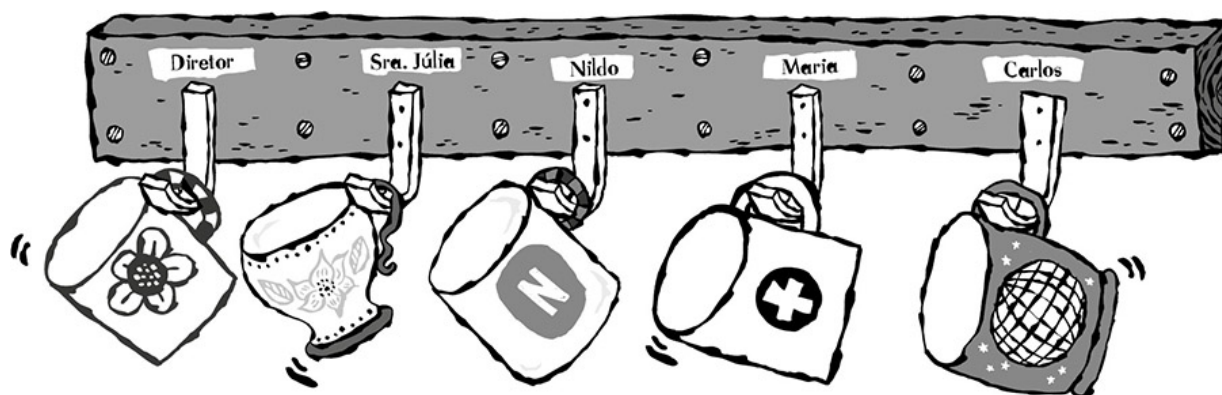
Quando a pausa do almoço chegou ao fim, Marco e Maia ficaram enrolando no corredor, do lado de fora da sala do diretor, no térreo.

Depois de alguns instantes, a escola caiu no mais completo silêncio.

— Eu fico de guarda — sussurrou Marco. — Dou um sinal, se alguém se aproximar.

Maia entrou sorrateiramente na sala dos funcionários. A primeira coisa que ela viu, foi a nova copiadora. Ela se dirigiu até o equipamento e examinou o contador. Ela viu o número 2.125. Isso

queria dizer que ninguém havia tirado nenhuma cópia desde a última vez em que o falsificador estivera ali.



Maia adentrou mais na sala dos funcionários. As canecas deles estavam penduradas na parede, cada uma em seu gancho. A garota pegou a caneca do diretor Alberto, colocou-a na última sacola plástica e correu para a porta. Porém, ela ouviu vozes vindas do corredor! Maia percebeu que era Marco conversando com o diretor Alberto.

— Eu não estou completamente certo — disse Marco —, mas acredito que vi algumas crianças pequenas sentadas no carro do diretor.

— É absolutamente proibido subir nos carros! — Maia pôde ouvir o diretor responder. — Especialmente...

Então, ela escutou a porta da escola sendo aberta e entendeu que Marco conseguira enganar o diretor. Com isso, poderia sair da sala de funcionários sem ser vista.



CAPÍTULO 5

Pulga atrás da orelha e barulho de batidas

— **P**or hoje é só — disse a Sra. Júlia.

— Obrigado, professora — responderam todas as crianças da sala de Marco e Maia, começando a se preparar para sair.

— O Marco e eu podemos ficar mais um pouco, para fazermos alguns exercícios de matemática? — perguntou Maia.

— Levante a mão, pequena Maia — advertiu a Sra. Júlia. — Que bom. É claro que podem. Mas precisam se certificar de que a porta seja trancada quando saírem, pois vou até a cidade resolver algumas coisas.



Marco e Maia pegaram seus livros de matemática e a Sra. Júlia saiu da sala.

Do lado de fora da janela, um pássaro começou a cantar. Maia se dirigiu à porta e espiou para fora. Queria ter certeza de que o corredor estava vazio. Depois, aproximou-se das janelas e fechou as cortinas.

— Pegue as sacolas plásticas — ela sussurrou para Marco e acendeu a luz do teto.

Marco esvaziou as sacolas na mesa a sua frente. E lá estavam: o copo de remédio, o cartão da biblioteca, o garfo, a chave inglesa e a caneca de café do diretor Alberto.

Ele prestou muita atenção para não tocar em nenhuma das coisas.

Em seguida, pegou o pote com o pó preto. Mergulhou o pincel nele e, cuidadosamente, começou a espalhá-lo pelas cinco amostras.

Um sorriso tomou todo seu rosto quando ele assoprou o excesso de pó e impressões digitais nítidas apareceram.

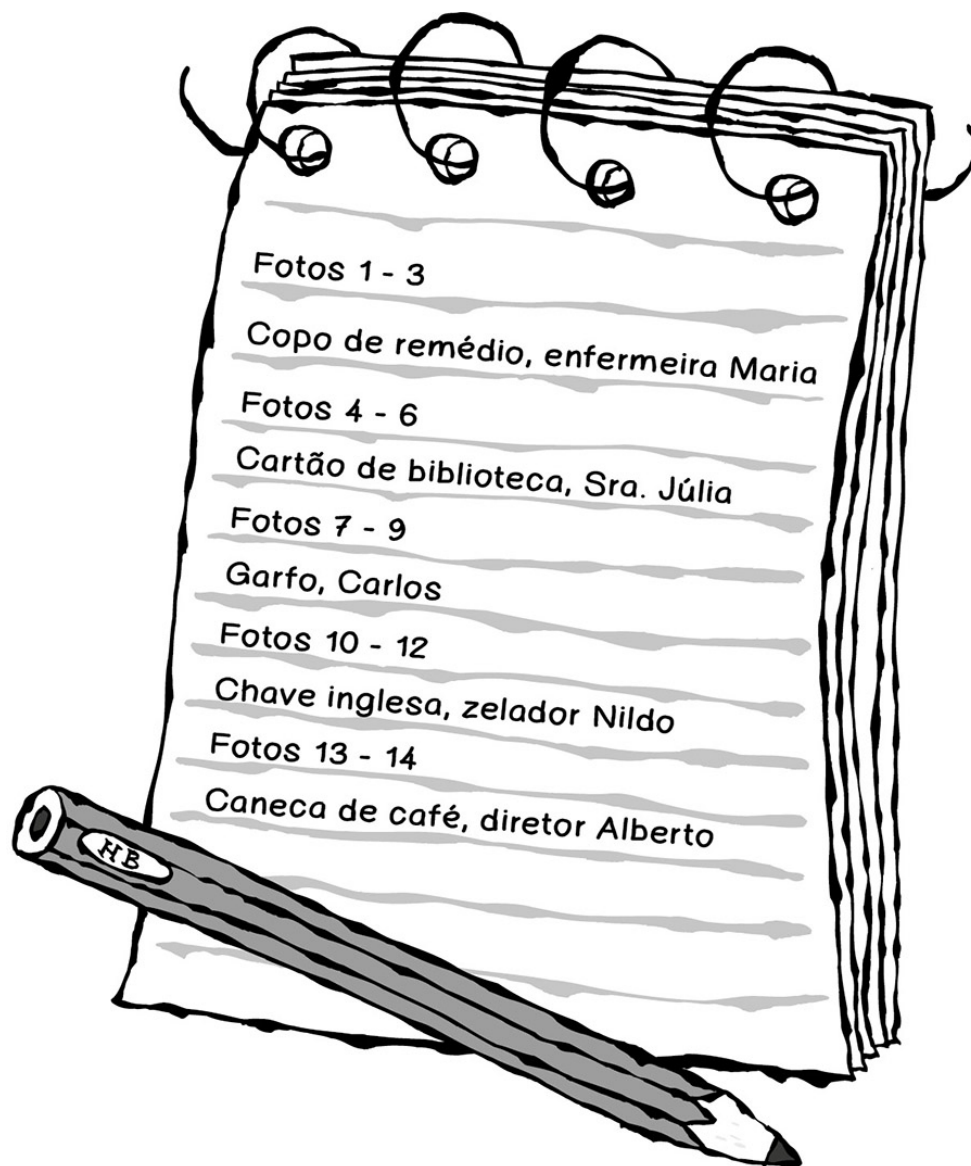
Maia tirou a lupa da bolsa e analisou mais de perto as cinco impressões digitais.

— Na verdade, é bem estranho — ela comentou ao observar as marcas. — Dizem que todas as pessoas possuem impressões digitais diferentes. Ninguém tem igual ao outro.

— Nem mesmo gêmeos univitelinos — emendou Marco.

Então, ele retirou a câmera digital da bolsa e pediu para Maia segurar a lupa em frente a cada uma das amostras. Desse modo, ele manteve a câmera na distância correta e clicou.

Tirou várias fotos de cada coisa e anotou em seu caderno:



— Pronto! — disse Marco, apagando as luzes do teto e abrindo as cortinas.

Eles se sentaram em seus lugares e, enquanto o dia foi escurecendo, repassaram tudo o que sabiam.

— Quando você estava na sala dos funcionários — contou Marco —, ouvi o diretor conversando com alguém ao telefone. Ele estava muito aborrecido e bateu o fone com força.

— E eu chequei — disse Maia — que ninguém tirou mais cópias após a proibição do diretor. O contador continua no 2.125.

— O falsificador deve ter ficado com a pulga atrás da orelha, depois que o chefe de polícia esteve aqui na escola — falou Marco.

— Pulga atrás da orelha?! — perguntou Maia. — Quer dizer que ele ou ela está com uma pulga em uma das orelhas?!

— Não! — gritou Marco.

Quando ele foi explicar a ela o que significava estar com a pulga atrás da orelha, escutaram um barulho. Pareceu vir do andar de baixo.

Marco e Maia olharam um para o outro.

“Será que tem mais alguém na escola?”, pensaram eles.

A sala de aula estava quase escura, então Marco e Maia tiraram suas lanternas das mochilas. Depois, Marco pendurou a bolsa com todo o material das impressões digitais em seu ombro e abriu a porta para o corredor cuidadosamente. Tudo permanecia quieto e calmo do lado de fora.

— Talvez tenha sido o vento — cochichou Maia.

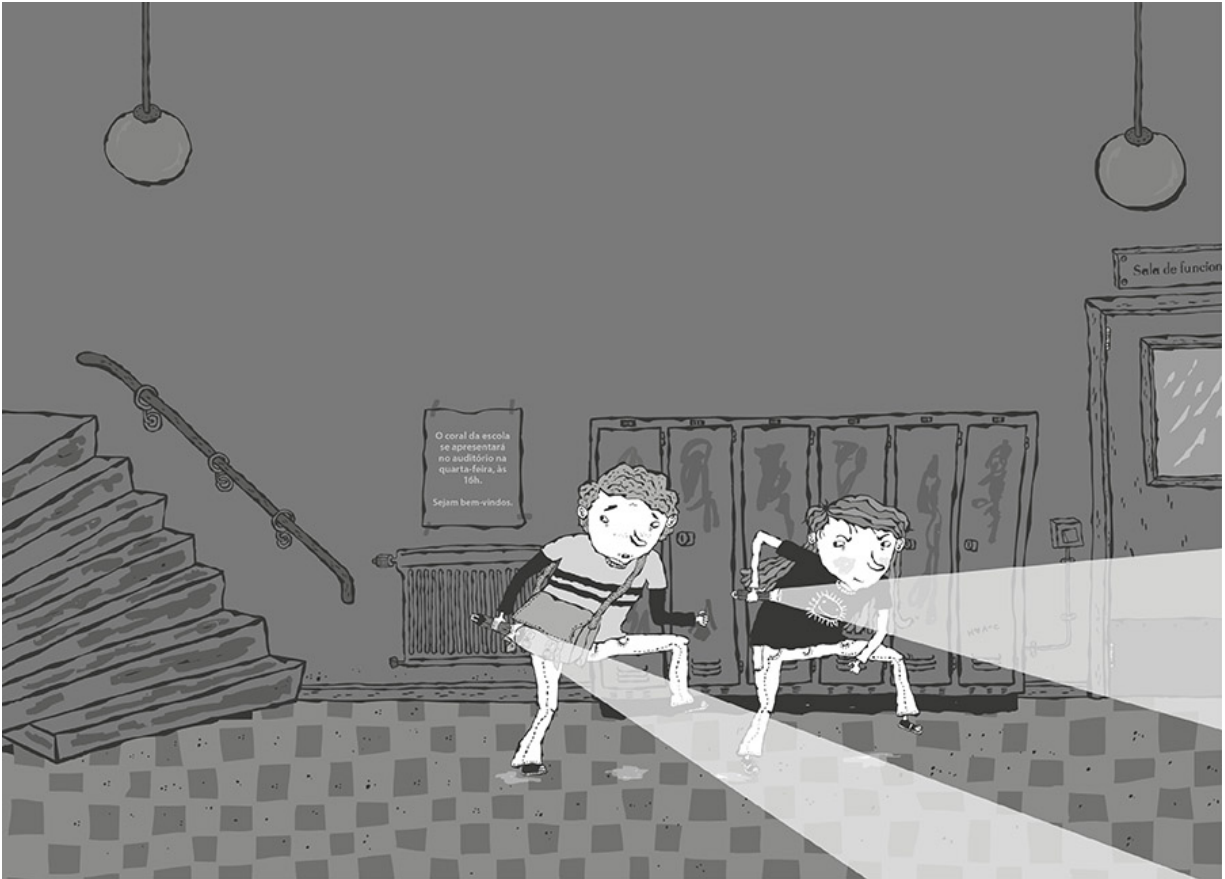
— Vamos! — disse Marco saindo da sala de aula.

Marco e Maia deixaram a luz das lanternas passear pelas paredes e armários. Tudo ficava tão diferente no escuro. Muito Muito mais assustador. Como se alguém estivesse apenas aguardando por eles em algum canto. Esperavam que a luz branca das lanternas iluminasse o canto escuro onde a pessoa estivesse se escondendo!

Marco e Maia espantaram essa sensação de desconforto e começaram a descer as escadas, devagar e com cuidado, até o térreo.

Ao chegarem lá embaixo, ficaram parados por um bom tempo, tentando identificar algum barulho. Mas estava tudo quieto.

— *Chhhh!* — sussurrou Maia, com o dedo sobre os lábios.



Ela ouviu algo vindo da sala dos funcionários. Marco também escutou. Um barulho lento de batidas.

Sem fazer qualquer ruído, eles caminharam até a porta da sala. Naquele momento, conseguiram ouvir claramente o som que vinha lá de dentro.

Devagar, devagar, Maia pressionou a maçaneta e abriu uma fresta. Um vento suave bateu em seus rostos e, em seguida, ocorreu um estrondo!

Marco e Maia trocaram olhares aterrorizados. Mas precisavam descobrir a origem do barulho!

Maia movia-se devagar, mas, de forma decidida, abriu a porta e entrou.

Então, ouviu-se um novo estrondo!

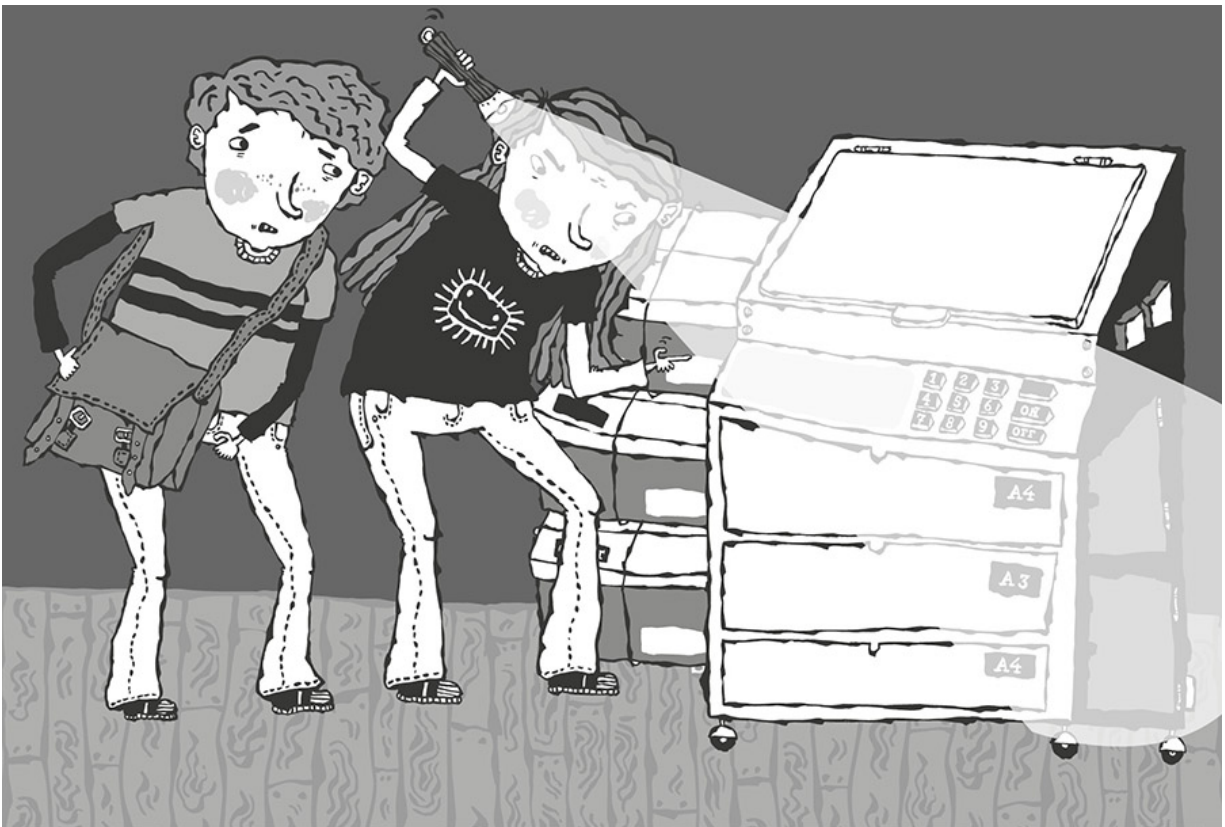
Porém, dessa vez, Marco relaxou. Aquele som ele reconhecia.

Vinha de uma janela aberta que estava batendo. Quando abriram a porta, a corrente de vento tinha se tornado mais forte e a janela fechara com um grande estrondo. Ele atravessou a sala dos funcionários e, como havia imaginado, viu uma janela aberta que estava batendo e batendo. Marco fechou a janela.

— Venha, Marco! Rápido! — Maia o chamou.

Ela iluminou com a lanterna o contador da copiadora.

— Veja: 3.125! — ela leu. — O falsificador atacou de novo!



CAPÍTULO 6

Eu não sabia que o sobrenome dele era Larsson

— **M**ais mil cópias! — disse Marco.

— Mas, dentro em breve, saberemos quem é — completou Maia com um sorriso e abrindo a bolsa com todo seu material.

Ela pegou o pó preto e um dos pincéis e aplicou o produto levemente sobre os botões da copiadora. Inclinou-se e assoprou o excesso de pó. Marco iluminou com a lanterna e olhou através da lupa. Mas como ficaram decepcionados! Limpo! Vazio! Nem uma impressão digital aparecia nos botões.

— Não! — suspirou Maia desapontada, colocando as mãos sobre a copiadora.





Marco coçou o nariz.

— O que vamos fazer agora? — ele perguntou.

— Eu também não sei — respondeu Maia levantando a tampa do lugar onde se colocava o material a ser copiado.

Maia pensou que talvez o falsificador tivesse esquecido o original na máquina. Também não. Estava vazia.

Marco iluminou o vidro com a lanterna. Então, perceberam que havia pequenas marcas. Rapidamente, ele pegou o pote com o pó preto novamente e passou pelo vidro. Quando assoprou o excesso, descobriu que estava cheio de impressões digitais!

Maia pegou a lupa e Marco começou a analisar as imagens da câmera digital.



— Aquela ali é da enfermeira Maria — falou ele animado.

— E aquela parece ser... É claro! Do Nildo! — disse Maia comparando com as fotografias.

— E aquela do canto... É do diretor Alberto.



Assim, perceberam que todos os que trabalhavam na escola tinham suas impressões digitais no vidro da copiadora. E por isso...



— Foi completamente inútil! — suspirou Maia.

— Eu desisto! — disse Marco. — Nunca vamos conseguir pegar quem falsificou as notas!

Marco e Maia juntaram seu material e saíram da sala dos funcionários. Passaram pela porta principal da escola e começaram a caminhar até suas bicicletas. De repente, Maia parou no meio do caminho.



— Mas, e se... — ela disse pensativa.

— O quê? — perguntou Marco

— E se — continuou Maia — nós conseguirmos enganar o falsificador dizendo que achamos apenas uma impressão digital no vidro. Ele ou ela não tem como saber que os outros quatro também deixaram suas marcas no equipamento. O que você acha que ele ou ela iria tentar fazer? — perguntou Maia.

— Limpar as marcas, com certeza! — confirmou Marco. — O quanto antes.

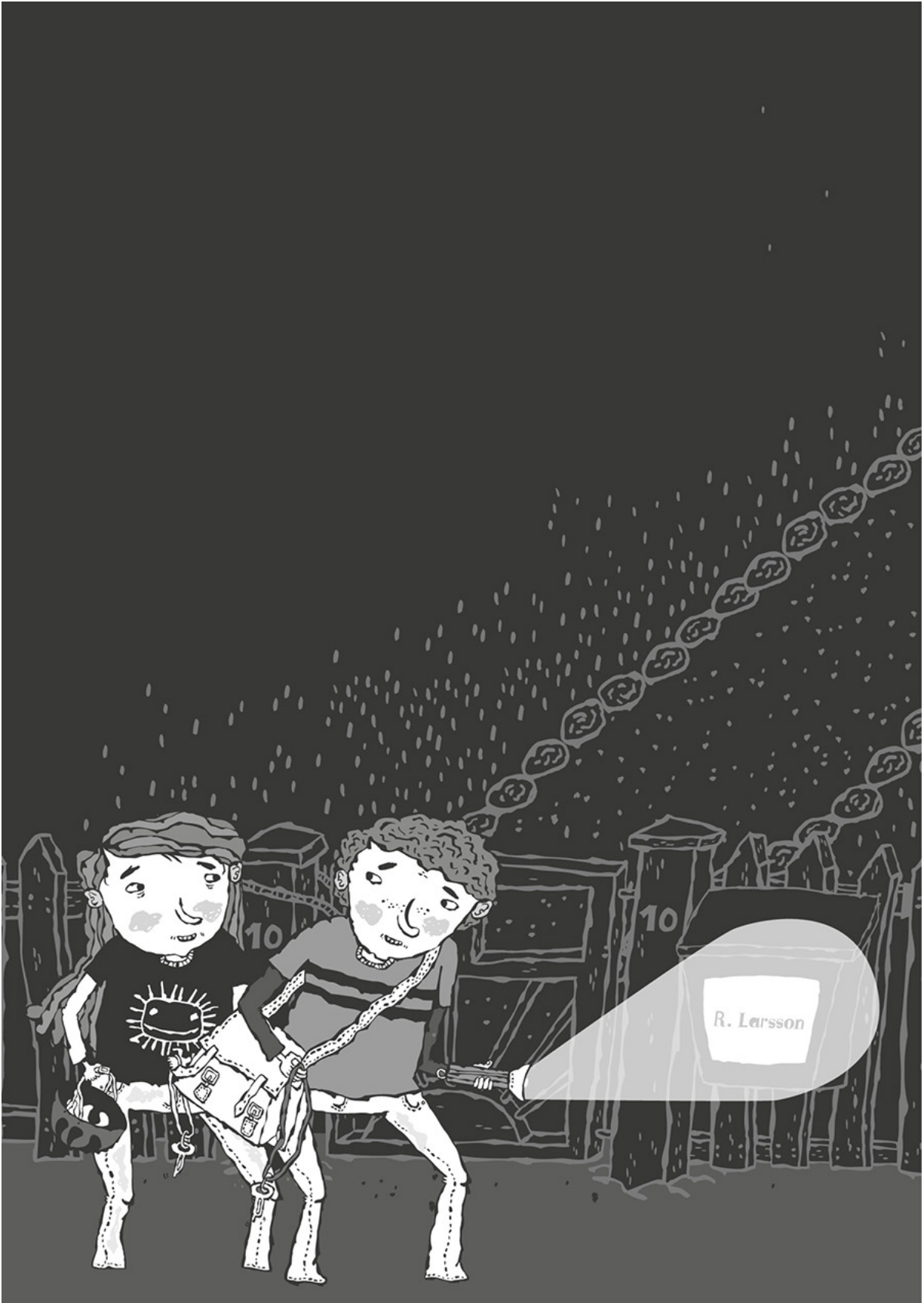
— Mas, nesse caso, vamos precisar da ajuda do chefe de polícia — disse Maia. — Pode ser perigoso. Venha, Marco!

Marco e Maia pegaram suas bicicletas e foram até o cruzamento da Rua da Igreja com a Rua do Museu.

Então, viraram à direita e passaram pelo museu, alcançando uma pequena casa azul.

Na porta estava escrito: R. Larsson.

— Eu não sabia que o sobrenome dele era Larsson — disse Marco enquanto tocava a campainha.





Ele precisou tocar duas vezes, até que a porta se abrisse. Ali estava um chefe de polícia recém-acordado, de roupão e gorro.

— Nós achamos que sabemos como prender o falsificador de notas — disse Maia.

— O que é que estão me dizendo? — perguntou o chefe de polícia surpreso, enquanto deixava Maia e Marco entrarem.

Eles foram até a cozinha e o chefe de polícia serviu um copo de leite para cada um deles, enquanto bocejava. Em seguida, Marco e Maia começaram a contar tudo que sabiam.

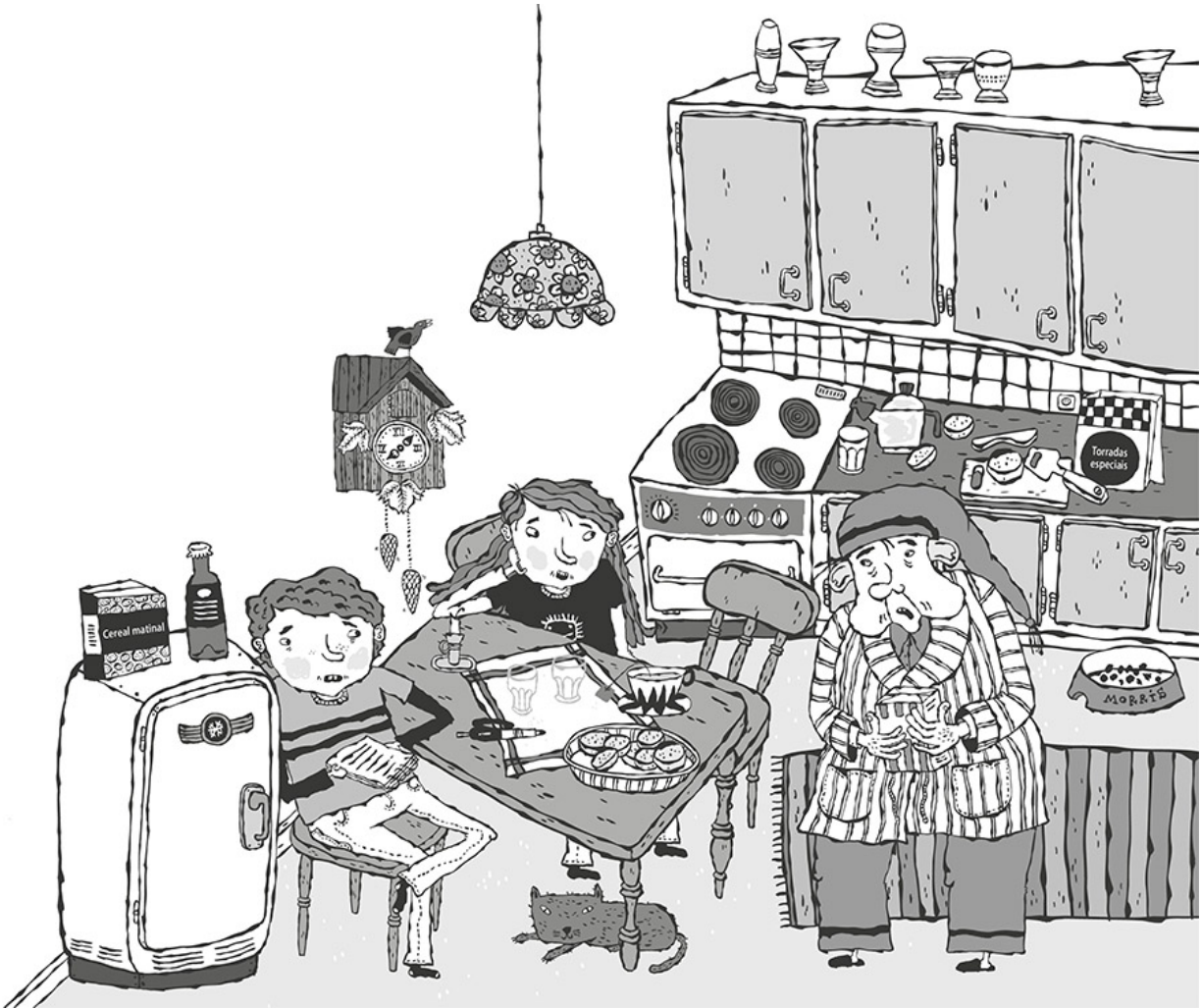
Contaram que o diretor tinha proibido todos de tirar cópias, que haviam juntado material para pegar as impressões digitais, sobre a janela aberta na sala dos funcionários e, finalmente, sobre todas as impressões no vidro da copiadora.

O chefe de polícia olhava supreso para eles.

— Crianças, vocês são fantásticas! — ele disse. — Então quer dizer que o falsificador está usando a copiadora da escola! Quem diria!

Conversaram por um bom tempo sobre como enganar o falsificador, e por fim o chefe de polícia declarou:

— Agora, acho que vocês precisam ir para casa e dormir algumas horas. Amanhã será um dia emocionante.



CAPÍTULO 7

“Pequena Maia, levante a mão”

Na manhã seguinte, bem cedo, Marco e Maia já estavam na escola. As portas ainda permaneciam trancadas e eles ficaram bocejando no sol matinal. Eles olharam para a janela pela qual o falsificador tinha fugido na noite anterior. Um pedaço da cortina ficara preso, quando Marco fechou a janela.

— Olá, crianças! — eles ouviram Nildo cumprimentá-los. — Chegaram cedo hoje.

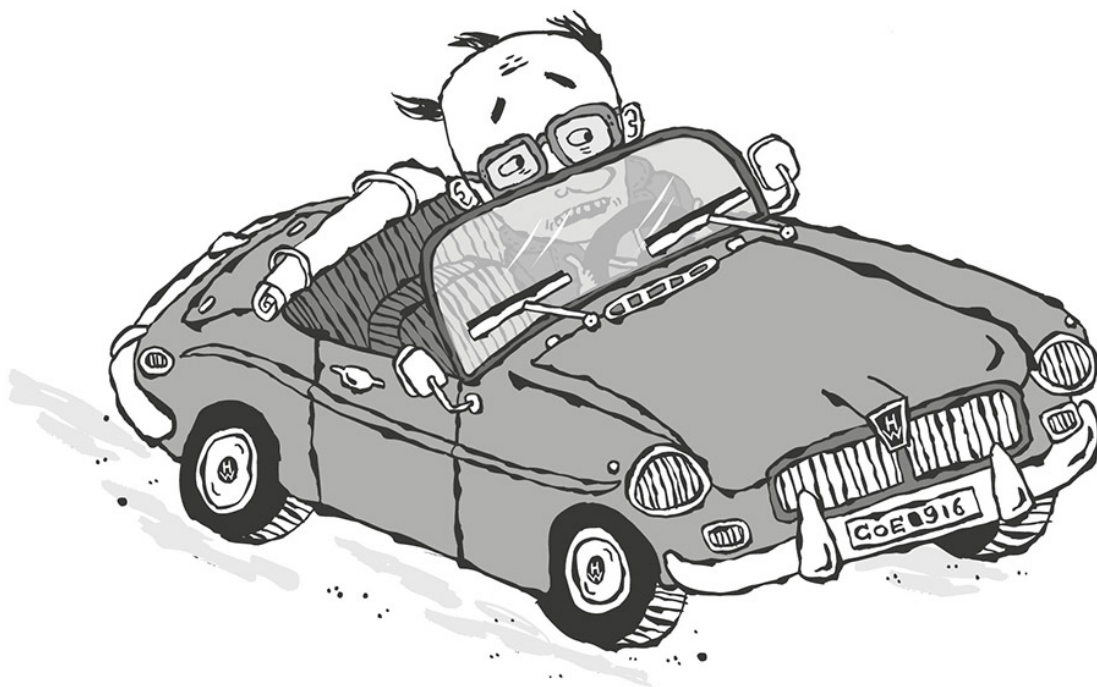
Depois, ele olhou para a janela e para a cortina, resmungou um pouco, reclamando do descuido, enquanto destrancava as portas da escola.

— Ele notou a janela direto — sussurrou Maia para Marco. — Talvez já soubesse, por ter estado aqui à noite.

Então chegou o diretor Alberto, dirigindo seu carro esportivo vermelho. Maia segurou a porta para ele passar.

— Obrigado. Que gentil! — disse o diretor sorrindo e deu um tapinha na cabeça de Maia.

— Ele está com um bom humor incomum — constatou Marco, depois que o diretor entrou. — Talvez milhares de coroas mais rico, em notas falsas.



Logo adiante vinham o professor substituto Carlos e a enfermeira Maria. De mãos dadas! Quando perceberam que Marco e Maia estavam olhando, soltaram as mãos.

“Então é por isso que o Carlos estava na sala da enfermeira Maria ontem!”, pensou Maia. “Eles estão apaixonados. Será que a enfermeira vai acompanhar o Carlos em sua viagem de volta ao mundo? Nesse caso, vão precisar ainda mais de dinheiro.”

Maria e Carlos cumprimentaram envergonhados Marco e Maia e entraram na escola.

Por fim, apareceu a Sra. Júlia de bicicleta. Ela estacionou sua bicicleta ao lado das de Marco e Maia e mal reparou que os dois estavam segurando a porta para ela.

— Bom dia, professora — disse Maia.

— Levante a... — começou a Sra. Júlia, mas desapareceu dentro da escola, sem terminar sua frase.

— Você notou como ela parecia cansada? — observou Marco. — O que será que ela fez essa noite?

Dentro da sala de aula, os alunos mal se sentaram, quando alguém bateu à porta.

Entraram o substituto Carlos e todos seus alunos, o diretor Alberto, a enfermeira Maria, o zelador Nildo e, finalmente, o chefe de polícia.

— Agora estamos todos reunidos — disse o diretor acenando para o chefe de polícia.

— Bom dia, crianças! — disse o chefe de polícia Rodolfo Larsson.

— Bom dia, chefe de polícia! — responderam todas as crianças.

— Talvez vocês achem que esteja ficando chato minhas visitas à escola. Mas hoje teremos treinamento de incêndio!

Marco e Maia observaram os funcionários que estavam atrás do diretor Alberto. Todos pareciam muito surpresos, inclusive o diretor.

— Todo ano precisamos treinar como evacuar a escola, em caso de incêndio — continuou o chefe de polícia. — Daqui a pouco, vou disparar o alarme de incêndio. Assim, todos os alunos e funcionários deverão sair da escola pela entrada principal.



Então, Maia levantou a mão, exatamente como tinham planejado na casa do chefe de polícia na noite anterior. A Sra. Júlia demonstrou alegria quando viu que a “pequena Maia” pediu licença para falar.

— Como está a caça ao falsificador de notas? — perguntou Maia.
— Vocês já sabem quem é?

O chefe de polícia sussurrou em forma de segredo:

— Acredito que pegarei ele ou ela em breve. Já descobri que as notas falsas foram feitas na impressora desta escola. Verifiquei que o

falsificador deixou suas impressões digitais no vidro da copiadora da sala de funcionários. Assim que acabarmos o treinamento, vou olhar isso mais de perto. Aí, prenderei o culpado!

— Quer dizer que o falsificador não limpou a copiadora? — perguntou Marco.

— Sim, os botões estão bem limpos, mas ele ou ela se esqueceu de limpar o vidro. No entanto, como já disse, primeiro vamos fazer o treinamento.

Marco e Maia olharam um por um: o diretor, a enfermeira Maria, o zelador, a Sra. Júlia e Carlos. O zelador Nildo enxugou uma gota de suor da testa.

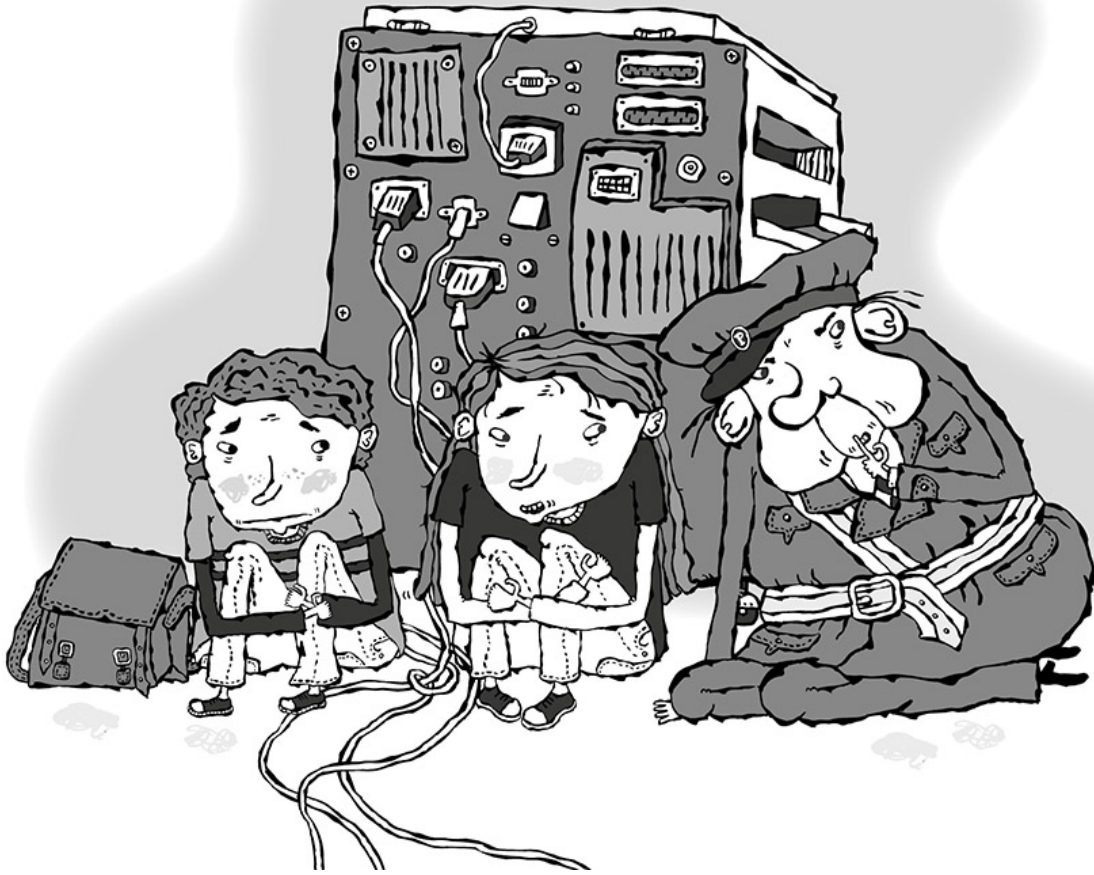
O chefe de polícia se voltou para a Sra. Júlia e perguntou se podia trocar algumas palavras com Marco e Maia.

— Todos os outros voltem aos seus lugares, logo acionarei o alarme de incêndio — disse ele para os que estavam na sala de aula.

Após Marco, Maia e o chefe de polícia saírem para o corredor, eles desceram apressados pelas escadas até a sala dos funcionários.

Quando entraram, o chefe de polícia pediu que Marco e Maia se escondessem atrás da copiadora e, então, saiu correndo. Na sequência, eles ouviram o alarme de incêndio pela escola inteira. O chefe de polícia voltou e se escondeu junto com Marco e Maia.

— Vamos ver se conseguimos atrair esse feioso! — sussurrou sorrindo.



CAPÍTULO 8

Muitos segredos são desvendados

A porta foi aberta abruptamente e Nildo, o zelador, entrou. O chefe de polícia estava prestes a se levantar para dar ordem de prisão a Nildo, mas Marco o segurou. O zelador foi até seu cabide e começou a mexer no bolso de sua jaqueta. Então, encontrou o que procurava. Ele pegou sua caixinha com cigarros de rapé, colocou um na boca e saiu da sala.

— Tabaco é proibido na escola! — sussurrou Maia. — Ele precisa usar seu rapé escondido. Marco, Maia e o chefe de polícia se agacharam de novo atrás da copiadora e logo a porta foi aberta novamente. Dessa vez, entraram a enfermeira Maria e Carlos. Mais uma vez, Marco impediu o chefe de polícia de se levantar.

— Querido — disse a enfermeira Maria —, me beije!

Carlos beijou Maria e lhe fez um pedido:

— Venha comigo em minha viagem de volta ao mundo!

Maria beijou Carlos e desapareceram.



— Um viciado em rapé e dois amantes secretos — resmungou o chefe de polícia. — Como será que isso vai acabar?

Mas em seguida a porta tornou a se abrir e o diretor Alberto entrou correndo! Ele trazia um pano e um produto de limpeza em suas mãos e foi direto à copiadora.



Ele ergueu a tampa e começou a limpar o vidro. Nessa hora, o chefe de polícia, Marco e Maia se levantaram.

— Olhe só, que faxineira bonitinha que temos aqui! — disse o chefe de polícia, colocando as algemas rapidamente nos punhos de um surpreso diretor.

— Eu só queria que a copiadora estivesse limpa e bonita, quando o chefe de polícia fosse investigá-la — tentou o diretor.

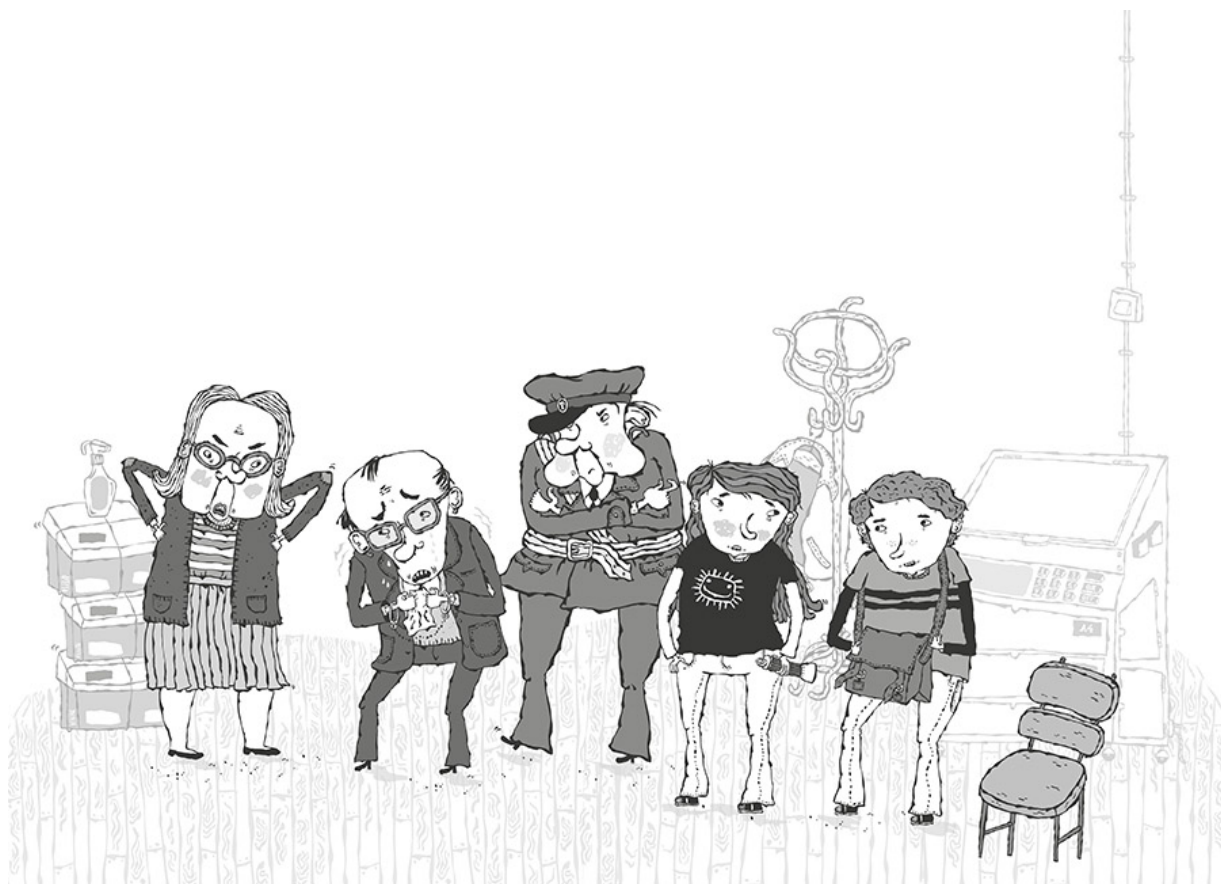
— Infelizmente, meu caro amigo — disse o chefe de polícia sorrindo —, nessa eu não caio.

Nesse momento, o alarme de incêndio parou e já era possível ouvir as crianças e os funcionários, do lado de fora, começando a voltar para o prédio.

Logo, todos que trabalhavam na escola estavam reunidos na sala de funcionários.

— Acredito que tenha algo que o diretor Alberto queira assumir — disse o chefe de polícia, balançando as algemas.

— Hmmm... — começou o diretor devagar, olhando para o chão. — Fui eu quem falsificou as notas. Não tinha outra saída para conseguir pagar o empréstimo do carro esportivo. E, fora isso, precisava dar dinheiro para minha ex-mulher. Depois que me divorciei, aumentou muito o meu custo de vida. Meu salário não estava dando conta de pagar tudo.



— Tudo era muito melhor antes — resmungou a Sra. Júlia. — Quando você estava casado com a Vivian. Naquela época, você era

um bom chefe.

Aí, o diretor começou a chorar, e Marco e Maia sentiram pena dele. As coisas não tinham acontecido da maneira que ele esperava.

O chefe de polícia contou para os funcionários como Marco e Maia haviam trabalhado para resolver o caso.

— Então... vocês estavam ali atrás o tempo todo? — perguntou o zelador apontando para a copiadora.



— E viram tudo? — perguntou Carlos.

— Muitos segredos foram desvendados hoje! — disse o chefe de polícia. — Mas não precisamos divulgar tudo que vimos aqui.

Nildo, Carlos e a enfermeira Maria olharam agradecidos para o chefe de polícia. Marco abriu sua mochila e devolveu a chave inglesa para o zelador.

— Obrigado pelo empréstimo e me desculpe por ter enganado você — disse Marco.

— Não faz mal — respondeu Nildo. — Vocês dois resolveram um caso bem complicado! Da próxima vez que precisar de ajuda com a bicicleta, avise-me, que a arrumo para você.

No dia seguinte, todos da cidade puderam ler no jornal de Valleby:



Preso falsificador de notas

Graças aos detetives Marco e Maia, o bandido foi descoberto.

Ajudaram a provar que quem utilizou a nova copiadora colorida da escola para falsificar milhares de coroas em notas de cem foi ninguém menos que o diretor Alberto.

O chefe de polícia informou que vai pedir que o cargo de diretor seja passado para a Sra. Júlia.

A Sra. Júlia declarou que aceitaria o cargo, se lhe oferecessem. “Nesse caso, minha aposentadoria ficaria bem melhor, depois de alguns anos como diretora”, disse ela.



